



LUSOFONIA

Tempo de Reciprocidades

4 a 9 de Agosto de 2008
Universidade da Madeira

Helena Rebelo
(Coordenação)



 Edições
Afrontamento

ACTAS
VOLUME I

LUSOFONIA TEMPO DE RECIPROCIDADES

Volume I

ACTAS

IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas
Madeira, 4 a 9 de Agosto de 2008

Helena Rebelo
(Coordenação)

 Edições
Afrontamento

2011

LUSOFONIA

TEMPO DE RECIPROCIDADES

Volume I

Helena Rebelo
(Coordenação)

Seleção e Organização

LINGUÍSTICA: Helena Rebelo, Thierry Proença dos Santos

LITERATURA: Ana Isabel Moniz, Fernando Figueiredo, Maria Teresa Nascimento

CULTURA: Ana Margarida Falcão, Leonor Coelho, Paulo Miguel Rodrigues

VOLUME I

LINGUÍSTICA

Língua portuguesa: migrações e trânsito

Uma língua, várias culturas: transposições e localizações

LITERATURA

Cartografias das diferenças

Ilhas e continentes: reciprocidades

Varia

Lusofonia: Tempo de Reciprocidades
Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas

Coordenação

Helena Rebelo

© 2011, Autores e Edições Afrontamento

Edição

Edições Afrontamento

Rua Costa Cabral, 859 | 4200 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Seleção e Organização

Volume I

LINGUÍSTICA: Helena Rebelo, Thierry Proença dos Santos

LITERATURA: Ana Isabel Moniz, Fernando Figueiredo, Maria Teresa Nascimento

Volume II

CULTURA: Ana Margarida Falcão, Leonor Coelho, Paulo Miguel Rodrigues

Patrocínios e apoios

Universidade da Madeira, Associação Internacional de Lusitanistas,

Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal 500 Anos, E. E. M.,

Fundação para a Ciência e Tecnologia (Programa FACC), Instituto de Camões.

Design

Mais Dicas Design – Projectação e Execução, Lda.

Estrada do Portinho, 94 | 9125-110 Caniço

Tel. e Fax: 291 600 850

E-mail: design@maisdicas.com

Colecção

Textos, 88

Edição n.º 1359

ISBN

978-972-36-1150-2

Depósito Legal:

323708/11

Impressão e Acabamento

Rainho & Neves, Lda

Santa Maria da Feira

geral@rainhoneves.pt

Volume I

1000 exemplares

Este livro compila algumas das comunicações apresentadas no IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, realizado na Universidade da Madeira, em Agosto de 2008. Os textos são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores, especialistas em Língua Portuguesa.

Março de 2011

Associação Internacional de Lusitanistas
www.lusitanistasail.net

DIRECÇÃO
2005-2008

Presidência

Regina Zilberman

Vice-presidência – Carlos Reis

Vice-presidência – Elias Torres Feijo

Secretaria e tesouraria – Maria da Glória Bordini

Vogais

Ana Mafalda Leite

Benjamin Abdala Junior

Cristina Robalo Cordeiro

Ettore Finazzi Agró

Fátima Ribeiro

Helena Rebelo

Maria del Carmen Villarino Prado

Sebastião Tavares de Pinho

Rolf Nagel

Teresa Cristina Cerdeira da Silva

Conselho Fiscal

Laura Cavalcanti Padilha

M. Fátima Brauer-Figueiredo

Thomas Earle

Presidentes Honorários

Cleonice Berardinelli

Helder Macedo

ORGANIZAÇÃO

IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas

Funchal e Universidade da Madeira, de 4 a 9 de Agosto de 2008

Oradores Convidados

Sessão de Abertura: Tolentino Mendonça
Sessão de Encerramento: Isabel Pires de Lima

Comissão de Honra

Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, José Mariano Gago
Ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro
Reitor da Universidade da Madeira, Pedro Telhado Pereira
Representante da República, Antero Alves Monteiro Diniz
Presidente da Assembleia Legislativa Regional, José Miguel Mendonça
Presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim
Presidente da Câmara do Funchal, Miguel Albuquerque
Comandante da Zona Militar da Madeira, João Miguel Castro Rosas Leitão
Bispo da Diocese do Funchal, António Carrilho
500 Anos do Funchal, Pedro Calado
Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, Regina Zilberman

Direcção

Helena Rebelo (coord.)
Fernando Figueiredo
Thierry Proença dos Santos

Comissão Científica

Ana Isabel Moniz
Ana Margarida Falcão
Helena Rebelo
Maria Teresa Nascimento
Paulo Miguel Rodrigues

Comissão Executiva

Helena Rebelo
Leonor Coelho
Fernando Figueiredo

Comissão Financeira

Thierry Proença dos Santos
Paulo Miguel Rodrigues
Carla Cró

«À espera que as palavras cheguem»: sobre a vida e a escrita em António Lobo Antunes

Ana Isabel Moniz
Universidade da Madeira

Palavras-chave: autobiografia, ficção, verdade histórica, António Lobo Antunes

Resumo: Esta comunicação propõe-se apresentar uma reflexão sobre a problemática da autobiografia em António Lobo Antunes. Neste sentido, procuraremos analisar se a sua escrita tem por objectivo “escrever a vida” de maneira intencional ou apenas procurando a verdade histórica, sublinhando a questão da fronteira que separa a verdade da ficção.

*No fundo, um escritor é um bocado ladrão, um gatuno de sentimentos, de emoções, de rostos, de citações. Um livro é sempre feito de pequenos roubos com a vantagem de não sermos condenados.*¹

António Lobo Antunes

A escrita em António Lobo Antunes impõe-se com a naturalidade com que se apresenta a própria vida. “À espera que as palavras cheguem”² parece revelar uma atitude idêntica à de quem espera que a vida aconteça, abrindo pistas sobre a criação literária. Vida e escrita vividas de forma espontânea em que uma consolida a outra, uma e outra representando um mesmo objecto resultante “de pequenos roubos” da própria experiência, conduzidos pela mão do escritor, “um ladrão, um gatuno de sentimentos, de emoções, de rostos, de citações”, nas palavras do autor.

Considerado um dos maiores escritores portugueses dos nossos dias, António Lobo Antunes tem, neste momento, vinte e oito livros publicados³, encontra-se traduzido em dezasseis línguas e foi, até à data, galardoado com quinze prémios nacionais e internacionais⁴.

¹ António Lobo Antunes, in *O Jornal*, 30 de Outubro de 1992.

² Entrevista de Carlos Vaz Marques a António Lobo Antunes, in *Ler*, Maio de 2008.

³ Livros publicados: *Memória de Elefante* (1979), *Os Cus de Judas* (1979), *A Explicação dos Pássaros* (1981), *Conhecimento do Inferno* (1981), *Fado Alexandrino* (1983), *Auto dos Danados* (1985), *As Naus* (1988), *Tratado das Paixões da Alma* (1990), *A Ordem Natural das Coisas* (1992), *A Morte de Carlos Gardel* (1994), *Crónicas* (1995), *Manual dos Inquisidores* (1996), *O Esplendor de Portugal* (1997), *Livro de Crónicas* (1998), *Olhares 1951-1998* (1999) (co-autoria de Eduardo Gageiro), *Exortação aos Crocodilos* (1999), *Não Entres Tão Depressa Nessa Noite Escura* (2000), *Que farei quando tudo arde?* (2001), *Segundo Livro de Crónicas* (2002), *Letrinhas das Cantigas* (edição limitada, 2002), *Boa Tarde às Coisas Aqui em Baixo* (2003), *Eu Hei-de Amar Uma Pedra* (2004), *História do Hidroavião* (conto, reedição 2005), *D'este viver aqui neste papel descripto: cartas de guerra* (“Cartas da Guerra”, 2005), *Terceiro Livro de Crónicas* (2006), *Ontem Não Te Vi Em Babilónia* (2006), *O Meu Nome é Legião* (2007), *O Arquipélago da Insónia* (2008).

⁴ Prémio Franco-Português - 1987 (*Os Cus de Judas*), Prémio instituído pela embaixada de França em Lisboa a obras traduzidas para a língua francesa, Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores - 1985 (*Auto dos Danados*), Prémio Melhor Livro Estrangeiro publicado em França - 1997 (*Manual dos Inquisidores*), Prémio Tradução Portugal/Frankfurt - 1997 (*Manual dos Inquisidores*), France-Culture (*A Morte de Carlos Gardel*), Prémio de Literatura Europeia do Estado Austríaco - 2000, Prémio União Latina - 2003, Prémio Ovídio da União dos Escritores Romanos - 2003, Prémio Fernando Namora - 2004, Prémio Jerusalém - 2005, Prémio Camões - 2007, Prémio do Clube Literário do Porto - 2008, Prémio José Donoso - 2008, atribuído pela Universidade de Talca, Chile.

“Tento pôr a vida em cada livro” (Antunes, 2006), declara o autor aquando do lançamento do seu *Terceiro Livro de Crónicas*, uma afirmação que poderá abrir pistas de abordagem acerca do processo de composição dos seus livros. Neste sentido, impõe-se analisar se a sua escrita tem por objectivo «escrever a vida» de maneira intencional ou apenas procurando a verdade histórica, não sem deixar de sublinhar a questão da fronteira que separa a verdade da ficção. O que é afinal a autobiografia? Como delimitar as suas fronteiras? Será lícito considerar ficção os textos que decorrem do vivido, que evocam ou convocam experiências de vida?

Apesar de preterida pela crítica estruturalista, a componente autobiográfica acabou por retomar o seu lugar nos Estudos Literários. Philippe Lejeune, que se dedicou à formulação dos princípios do género autobiográfico em França, centrou o seu estudo nos diferentes níveis de identidade entre romance autobiográfico e autobiografia em detrimento da identidade entre autor-narrador-personagem, orientando, de forma clara, a sua abordagem para a intencionalidade do escritor.

À definição proposta no seu *Pacto autobiográfico*, de que se trata de “uma narrativa em prosa que uma pessoa faz da sua própria existência” (Lejeune, 1975: 14), e às perguntas acima formuladas sobre autobiografia, acrescenta-se a problemática da referencialidade do autor. Sublinhe-se que qualquer autobiografia se apresenta como uma escolha, uma selecção de fragmentos de vida. Tudo o que fica por contar, essa outra parte do vivido deixada em silêncio, poderia determinar, afinal, o entendimento de tudo o que as páginas escritas fazem irromper. É o que se torna perceptível na afirmação de Maria Alzira Seixo quando diz que a “autobiografia é o que se pretende dar (comunicar, partilhar) da vida que se escreve, e é duvidoso que dela outra possa restar” (Seixo, 2002: 497).

Esta questão retomará uma outra, a de verificar até que ponto a não inclusão de determinados aspectos pode ou não afectar a suposta verdade, característica particular da autobiografia. “Tenho o gosto do segredo”, afirmou um dia Jacques Derrida, reclamando para o autor a função de seleccionar as experiências a incluir na sua história e, por conseguinte, de partilhá-las com o leitor aquando do processo de criação literária. Uma visão também assumida por António Lobo Antunes quando declara em *Que farei quando tudo arde* “o que te escondo, não confesso, não falo” (Antunes, 2001: 418).

Nos seus mundos construídos parece encontrar-se, por vezes, uma geografia figurada e uma temporalidade aparente, permitindo a evocação de lugares situados na fronteira entre o real e o imaginário, onde se inscrevem marcas da sua existência. O universo ficcional, tomado como real pela evocação de espaços, tempos e factos semelhantes aos da experiência do autor, torna-se para o leitor uma referência basilar para a decifração do autor empírico, corroborado, ainda, pela sua intervenção em crónicas e em entrevistas. Um mundo, como diria o escritor, transposto para a escrita quando afirma no texto “O coração do coração” inserido no *Livro de Crónicas* que:

o romance que gostava de escrever era o livro no qual, tal como no último estádio da sabedoria dos chineses, todas as páginas fossem espelhos e o leitor visse, não apenas ele próprio e o presente em que mora mas também o futuro e o passado, sonhos, catástrofes, desejos, recordações. Uma história em que eu, folheando-a no intuito de a corrigir, armado de um lápis vermelho destinado a uma carnificina de emendas, encontrasse de súbito, a acenar-me alegremente sentado num parágrafo como no muro da quinta do meu avô, o filho do caseiro que me ensinava a armar aos pássaros e a roubar figos no pomar vizinho e que deve ser hoje um bate-chapas confinado a um segundo

andar em Alverca, sem espaço para as cegonhas de Benfica, para as árvores da mata, para aquela dimensão religiosa, envolvente, auroral, entre céu e terra, onde as laranjeiras respiram devagar e os peixes do tanque nos entram e saem do corpo pelos poros da pele (Antunes, 1998: 45).

Seguindo estes tempos e estes espaços, torna-se possível encontrar as estruturas do imaginário, configuradas ao longo de «páginas-espelhos», como o vê o autor. Nessa viagem da leitura que acompanha essoutra da sua escrita, abrem-se os horizontes da compreensão do texto onde se inscrevem obsessões relativas a experiências conservadas na memória, recorrências temáticas e constelações de imagens como fragmentos poéticos de tonalidade autobiográfica, fazendo oscilar o discurso entre a realidade e a ficção, entre o real e o imaginário. Através da observação das imagens e da sua capacidade para traduzir o mundo, confrontam-se duas dimensões distintas, a do comparante e a do comparado, conjugadas na metamorfose das lembranças que afloram, num outro espaço e num outro tempo do lugar textual que se propõe à nossa reflexão.

Regista-se, assim, uma dupla temporalidade veiculada por um sujeito que no presente recua, simultaneamente, a um passado e a uma dimensão interior de si e que através do reflexo da tinta se dá a ver, pela escrita, como outro – o mesmo? - de si próprio:

mergulhou o braço na gaveta da infância (...) e trouxe à tona ao acaso, nítido na concha da palma, ele miúdo acororado no bacio diante do espelho do guarda-fato em que as mangas dos casacos pendurados de perfil como as pinturas egípcias proliferavam a abundância de lianas moles dos príncipes de gales do seu pai. Um putito loiro que alternadamente se espreme e observa, pensou concedendo um soslaio aos anos devolutos, eis um razoável resumo dos capítulos anteriores. (Antunes, 2000: 25)

A obra do autor revelará, assim, uma constante alternância entre distintos planos temporais, o da configuração diegética e o da representação da memória, sendo este último que irá determinar, na perspectiva de Maria Alzira Seixo, “um protocolo de elaboração ficcional que simultaneamente elide e faz avultar uma remissão do autor empírico, aliás igualmente apontado pelos constantes pormenores de incidência autobiográfica” (Seixo, 2002: 17) trabalhados nos seus textos. Pormenores presentes na generalidade da sua produção, em que a escrita sincopada, fragmentária associada à natureza do pensamento, encena as convulsões e problemas vividos pela sociedade portuguesa, desde a guerra de África, os excessos da Revolução e a crise de valores então instalados em Portugal.

Parece tratar-se, assim, de um discurso fictício mas onde se tecem profundas ligações com a vida na qual o leitor se revê por aí reconhecer espaços do pensamento e da memória. Uma mesma experiência do quotidiano transposta para a escrita da ficção.

Memória de elefante, o primeiro romance de António Lobo Antunes, publicado em 1979, apresenta a voz sem nome que perspectiva o texto ao mesmo tempo que tece considerações sobre a vida. A intriga desenvolve-se a partir de uma personagem referida a maior parte das vezes como o «médico-psiquiatra», indo ao encontro da formação científica do autor empírico. Lobo Antunes é, de facto, médico, especialista em psiquiatra, e esteve deslocado em África aquando da guerra colonial, tendo vivido um considerável número de experiências semelhantes às que são narradas nos seus textos.

Num outro registo, em *D'este viver aqui neste papel descripto - Cartas de Guerra*, livro publicado em 2005, que reúne um conjunto de experiências e informações reais contadas pelo autor, em seu próprio nome, encontra-se parte da correspondência com a sua mulher, os aerogramas trocados quando o escritor, o então jovem médico psiquiatra, se encontrava destacado em Angola, entre 1971 e 1973, durante a Guerra Colonial, o que confere a essas cartas o inegável estatuto de documento autêntico. “Todo o romance é histórico”, afirma o escritor numa entrevista recente (Antunes, 2008: 40), permitindo entrever o entrelaçar da ficção com a vida.

Nessa “espécie de diário do amor ausente” (Antunes, 2005: 294), de acordo com a expressão de António Lobo Antunes, na carta datada de 21 de Novembro de 1971, são relatadas experiências vividas por quem as escreve. Para além dos dados biográficos que transmite ao leitor, oferece, igualmente, importantes referências históricas e políticas, desvendando parte do seu mapa-vida.

As razões para a sua publicação encontram-se explicadas no prefácio. Trinta e quatro anos depois da estada em Angola, as suas filhas, Maria José e Joana Lobo Antunes, decidem publicar as cartas de seus pais, justificando a razão das suas motivações:

A escolha de as publicar não é nossa: é a vontade expressa da nossa Mãe, destinatária e conservadora deste espólio até há pouco tempo. Sempre nos disse que as poderíamos ler e publicar depois da sua morte, e esse momento chegou agora. (Antunes, 2005: 11)

E é igualmente no prefácio, antes de dar a conhecer a intenção do seu gesto, que as filhas do autor e responsáveis por essa edição explicam a natureza do livro:

As cartas deste livro foram escritas por um homem de vinte e oito anos na privacidade da sua relação com a mulher, isolado de tudo e de todos durante dois anos de guerra colonial em Angola, sem pensar que algum dia viriam a ser lidas por mais alguém. [...] Mas qualquer que seja a abordagem, literária, biográfica, documento de guerra ou história de amor, sabemos que é extraordinária em todos esses aspectos. (Antunes, 2005: 11)

As circunstâncias particulares da produção deste livro epistolar, no espaço íntimo da relação de um casal recém-casado, terá sido um aspecto talvez nunca antes considerado no momento da sua escrita, situando-o numa zona inquietante, em termos de classificação literária, que se abre à possibilidade de um certo hibridismo. Poderá ser entendido pelo leitor como um texto autobiográfico porque se trata, de facto, de um texto retrospectivo, em prosa, decididamente não ficcional que o sujeito de enunciação, enquanto pessoa real, faz da sua própria vida. Contudo, do ponto de vista do autor, certamente este não deverá ser considerado nem como texto autobiográfico nem como ficção pois, no momento da sua escrita, não seria certamente essa a intenção do escritor, mas sim, apenas, um maço de cartas representando momentos da sua vida no espaço privado de uma relação conjugal.

Independentemente de haver ou não intenção de contar a vida, de escrever a partir do seu percurso de existência, depreende-se da leitura da obra de Lobo Antunes a importância da experiência, seja na escrita seja na própria vida. É o que autor parece transmitir quando diz:

É muito raro aparecerem bons romances antes dos trinta anos, muito raro. Um tipo só pode fazer uma coisa de jeito depois de ter passado pelas coisas. Se não viveu, os

livros até podem estar “tecnologicamente” correctos, mas não há ali mais nada. A experiência de vida cada vez mais me parece fundamental (Antunes, 1997).

Apesar de considerar que existe o “eu, António. [E] Depois [...] o António Lobo Antunes [que] só existe enquanto escreve livros” (Antunes, 2008: 34), dificilmente se poderá dissociar o cidadão do escritor e a relação que tem com aquilo que escreve. Se os seus romances se assemelham a ficções é certo que não excluem aspectos da vida pessoal, assim como experiências da sua carreira, como o provam as suas inúmeras crónicas e entrevistas. Até porque é certo que em literatura a subjectividade da escrita implica a projecção de circunstâncias que reenviam ao autor. É o que se torna perceptível na afirmação de Helena Carvalhão Buescu quando diz que “o texto sabe e mostra que vem de alguém e vai para alguém e que nesse movimento se jogam relações complexas” (Buescu, 1998: 25). Uma revelação corroborada pelo próprio escritor ao referir-se, numa entrevista, ao livro *O Meu Nome É Legião*:

Aquilo aparentemente é uma história de miúdos marginais, etc. E não era nada disso. Aquilo sou eu, todo. Repartido. Se uma pessoa ler com atenção estes livros... A partir da altura em que eu esgotei a biografia, nos três primeiros, num processo de catarse em que eu precisava de me libertar daquela ganga para depois escrever a sério, acho que os livros começaram a ser muito mais [...] o retrato de um homem. Eu gostava que o leitor se descobrisse a si mesmo, também, nos meus livros. A si mesmo e ao autor, ao mesmo tempo. Nós somos todos tão parecidos. Todos. (Antunes, 2008: 35)

“Retratos de um homem” que se convertem numa experiência indispensável para o processo de criação da escrita. Até porque quando questionado acerca de quais as experiências de vida mais marcantes, António Lobo Antunes responde: “tudo”. Um «tudo» que poderá ser visível na dimensão espaço-temporal da sua produção, mas que afinal apenas poderá ser recuperado pela escrita ainda que de forma parcial. A lacuna espaço-tempo virá, assim, condicionar a recomposição escrita da vida do narrador-autor, um obstáculo que Paula Morão sublinha quando afirma que “ao procurar o « eu » no passado, o sujeito quer re-orientar o porvir, autocorrigindo-se ou inflectindo no seu percurso, construindo uma utopia de si que espera poder cumprir” (Morão, 1994: 28).

Significa que parece existir, de facto, um paradoxo entre a vida vivida e a vida contada. Ao criar no leitor a ilusão de que está perante um conjunto de factos reais contados pelo autor, ele próprio sujeito da enunciação, a autobiografia torna-se ficção nesse jogo de “faire semblant”, segundo a expressão de Thomas Pavel (Pavel, 1988: 74), uma vez que ela se funda numa estrutura narrativa que implica todos os tipos de construções, omissões, ou redistribuições cronológicas, por via de uma intenção estética. Ou seja, se a ficção se mantém, contudo, ligada ao mundo real, os seus mundos são apenas possíveis, mundos ficcionais, “incompletos e inconsistentes”, construções imaginárias, como os verá Pavel (Pavel, 1988: 98), aproximando-se de uma perspectiva que parece mostrar que, afinal, qualquer tentativa autobiográfica se apresentará sempre como ficção. Uma ficção que, no entanto, irá permitir o encontro entre uma história e o alegre aceno de experiências passadas.

Referências bibliográficas*Corpus:*

- ANTUNES, António lobo (1979). *Memória de Elefante*. Lisboa: Publicações Dom Quixote (ed. utilizada: 19ª, de 2000).
- _____ (1998). *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- _____ (2001). *Que farei quando tudo arde*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- _____ (2005). *D'este viver aqui neste papel descripto - Cartas de Guerra*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Entrevistas a António lobo Antunes:

António Lobo Antunes, in *Ler*, nº 37, 1997.

António Lobo Antunes entrevistado por Sara Belo Luís, in *Visão* nº 677, 23 de Fevereiro de 2006.

Entrevista de Carlos Vaz Marques a António Lobo Antunes, in *Ler*, Maio de 2008.

Diversos:

- BUESCU, Helena Carvalhão (1998). *Em busca do Autor Perdido*. Lisboa: Edições Cosmos.
- LEJEUNE, Philippe (1975). *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil.
- MORÃO, Paula (1994). “O secreto e o real – Caminhos contemporâneos da Autobiografia e outros artigos intimistas”, in *Românica – Revista de Literatura*, 3.
- PAVEL, Thomas (1988). *Univers de la fiction*. Paris : Seuil.
- SEIXO, Maria Alzira (2002). *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.